

Abstract: O autor parte de fato de que todas as tradições religiosas enfatizam a paz, e no entanto estiveram envolvidas em situações nas quais as guerras pareceram inevitáveis. E propõe-se examinar, com toda a objetividade possível, a contraposição que se costuma fazer entre o Islã “guerreiro”, considerado “religião da espada”, e o cristianismo, apresentado como a religião da paz. Depois de uma exposição em que contrapõe “suposições e fatos”, o autor descreve os “três caminhos” para a paz, segundo a tradição do Islã: primeiro, a Compaixão; segundo, o Amor; e terceiro, a Beleza. E conclui afirmando que a falta de paz, no mundo de hoje, é proporcional ao esquecimento de Deus por parte do ser humano. E adverte que está votado ao fracasso qualquer esforço, mesmo qualquer campanha, que não considere Deus o significado último e primeiro da existência.

The basic principle underlying all religions is peace notwithstanding situations where wars were inevitable. An important topic to be dealt with is the conflict between Islam as a belligerent religion and Christianity as a religion of peace. He concentrates on the religious tradition of Islam focusing on the three ways leading to peace: the foremost is compassion, the second is love, and the third is beauty. He concludes that the neglect of peace in the world is in proportion to the neglect of God. Thus any effort to promote peace has to take into account God as the first and ultimate meaning of human existence.

O Islã e a Paz

*Luigi Faraci**

* O Autor é muçulmano, teólogo e sociólogo pelo Instituto di Studi Superiori San Lorenzo Giustiniani e pela PUC de Porto Alegre. É pesquisador do Diálogo das Religiões na perspectiva da mística e professor do Alcorão, no Curso de Pós-Graduação de Diálogo Interreligioso, do ITESC.



Se alguém caminhar ao longo do rio Ganges em Benares ouvirá continuamente as palavras: “*Shanti, Shanti, Shanti*”, que significam paz. Quando alguém ouvir dois judeus cumprimentarem-se ouvirá: “*Shalom*” e dois muçulmanos: “*Salam*”, enquanto nos dois últimos milênios “*Pax, Pax, Pax*” foi o canto que se ouviu em todos os lugares de culto dedicados ao “Príncipe da Paz”. Não existe nenhuma das grandes tradições religiosas que não enfatize a paz. No entanto, todas elas enfrentaram situações nas quais as guerras tornaram-se aparentemente inevitáveis. Cristo falou de “oferecer a outra face”, e a Europa por séculos guerreou em nome de Cristo. O Islã hoje é considerado guerreiro, é considerado a “Religião da espada”, em contraste sobretudo com o Cristianismo, que seria a religião da Paz.

Suposições e fatos

O maior texto espiritual do Hinduísmo, o Bhagavad Gita, foi revelado num campo de batalha. O Antigo Testamento abunda em passagens guerreiras, muito mais do que o faça o Corão. Mas o clamor contra a guerra por motivo de religião é reservado à crítica do Islã. Dois anos atrás, alguns autores filipinos escreveram sobre quanto o pacífico Cristianismo esteja em contraste com o Islã, esquecendo, convenientemente, como, segundo crônicas espanholas, quando da invasão das Filipinas, vencido o Sultanato islâmico de Manila, foram massacrados dezenas de milhares de muçulmanos, tendo sido forçados os outros à conversão ao Cristianismo. Assim, aliás, como tinha sido feito com os judeus e muçulmanos da Espanha. No pensamento do Ocidente, a expansão islâmica encontra-se associada com a espada. Poucos lembram da forma brutal com a qual as antigas religiões do norte da Europa foram forçadas à conversão. As cruzadas, iniciativa cristã contra muçulmanos, não atingem a imagem do Cristianismo como religião da paz.

O historiador atento sabe que a expansão islâmica nunca significou conversão forçada de judeus, cristãos ou zoroastrianos. Na Pérsia, três séculos após a invasão islâmica, a maior parte do país continuava zoroastriana. As brutalidades levadas a termo em nome do Cristianismo na época dos descobrimentos e na mais recente expansão colonialista deixaram, mais uma vez, intacta a imagem do Cristianismo como religião da Paz. Ninguém poderá negar o caráter cristão do útero no qual se formou a moderna cultura ocidental. À parte os entendimentos dos vencedores, que escrevem a história, devemos considerar que a finalidade



de todas as religiões autênticas é chegar a Deus que é a Paz e fonte de qualquer Paz. O Islã, como as outras religiões, quer levar as pessoas para a Casa da Paz e realizar a Paz, num mundo cheio de desequilíbrios, tensões e aflições. O Islã, durante os últimos 14 séculos, tentou limitar a guerra, legislando sobre as condições extremas nas quais ela poderia aparecer. Tentou, da mesma forma, propiciar o alcance duma Paz interior a mais profunda possível. O sucesso ou o fracasso na tentativa de alcançar a paz exterior sem dúvida não foi menor do que o alcançado pelas grandes tradições como a japonesa, a chinesa, a hindu, a cristã. Creio que chegou a hora de colocar de lado esta curiosa caracterização do Islã por parte de um Ocidente que levou guerras aos cinco continentes, frequentemente em nome da Cristandade, chegando a liquidar inteiros grupos étnicos, impunemente, por não serem estes Cristãos. A história de todas as sociedades, sejam elas religiosas ou seculares, está repleta de exemplos deste tipo. O coração do ser humano parece conter sementes de cobiça e agressividade que desembocam na guerra. Usa-se, para isto, qualquer idéia ou ideologia que seja eficaz em motivar as forças populares. Quando o Cristianismo era forte, era em nome dele que se combatia. Na medida em que começou a perder força, foi em nome do nacionalismo, do fascismo, do comunismo, da liberdade de autodeterminação dos povos, da liberdade da justiça etc, que se fez a guerra. No mundo islâmico, a religião continua a ter força e por isto continua a servir como uma bandeira de motivação eficaz. O Corão é explícito em afirmar que a guerra somente poderá existir em defesa do território e em defesa da integridade religiosa. Nunca a guerra poderá ser ofensiva ou agressiva. Quando dirigimos nossa atenção aos ensinamentos que são o coração de qualquer religião autêntica, notamos a ênfase colocada na harmonia entre a paz celestial e a terrena, harmonia esta representada pela Paz.

Cabe aqui, metodologicamente, perguntar porque os homens buscam a paz. A resposta islâmica a esta pergunta esclarece o conceito e o real significado da Paz. No Corão, Deus chama a Si Mesmo al-Salam, a Paz. Portanto, quando o Muçulmano deseja a Paz, deseja Deus. Se tentarmos ir mais ao fundo no esforço de compreender nossa natureza primordial, descobriremos que existe em nós, ainda, a lembrança da paz que foi por nós experimentada quando éramos testemunhas da Majestade de Deus, na eternidade, antes da nossa queda neste mundo do esquecimento. Através de um processo análogo ao da reminiscência platônica poderemos, então, compreender um pouco melhor o que seja aquela Paz que Paulo disse: “ir além de todo entendimento” (Fl 4,7). Para o muçulmano, somente a religião é capaz de trazer de volta para a “Casa da Paz”. E a “Casa da Paz” nada mais é do que a realidade do paraíso e da Divina Presença.



“Deus guia no caminho da Paz aqueles que buscam a satisfação de Deus” (Corão 5:16). O Corão identifica a Paz com o estado paradisíaco: “...e eles gritarão para os moradores do paraíso : paz sobre vós! “ (Corão 7:46). Esta frase “Paz sobre vós” é a saudação islâmica que o Profeta ordenou para os muçulmanos, por ser a saudação do povo do paraíso. “No paraíso não existem palavras inúteis, mas somente a palavra: Paz” (Corão 19:62). “Paz é a saudação que vem do Senhor completamente Misericordioso” (Corão 36:58). No paraíso os eleitos ouvirão: “somente Paz ... Paz...” (Corão 56:26).

Pelo fato de ser uma qualidade celeste, a Paz não é facilmente alcançável, nem interiormente nem socialmente, aqui na terra. Para ter paz social, precisa existir paz interior; e para existir paz interior, precisa que o homem esteja em paz com Deus. O ser humano foi criado “em ordem” por Deus. Algo caótico cria desordem na alma do homem. O grande Hamlet, de Shakespeare, representa muito bem o drama vivido pela alma humana. “Nada está bem no reino da Dinamarca. O caos se instaura, porque as coisas não estão “no seu devido lugar”. O “reino da Dinamarca” é nossa alma, que só poderá alcançar harmonia e paz se conseguir colocar as coisas “no seu devido lugar”. Mas é impossível para a alma fazer isto, apoiando-se somente nas suas forças. É necessária a ajuda de Deus. O Islã afirma muito claramente que, se o homem não se submete a Deus, não poderá alcançar a paz interior. E sem paz interior não poderá existir paz social. A raiz árabe *slm* é a mesma para submissão, *taslīm*, e para paz, *salam*. Esta hierarquia e estas relações encontram-se completamente esquecidas na discussão geral sobre a paz hoje. O homem secularizado, para o qual o mundo espiritual tornou-se irreal, limita sua visão da realidade à terra e à vida neste mundo. Por isto pensa que viver em paz significa evitar os perigos da guerra e das contendas. Infelizmente, esta busca de paz tem lugar no momento em que a sociedade moderna conduz uma guerra brutal contra o meio ambiente, enquanto a competitividade do querer ter mais esquece a compaixão e a responsabilidade social. Muitas são as “guerras”, as tensões localizadas, os atos de terror, que vêm de indivíduos, de grupos, do Estado. A “guerra” contra o meio ambiente é conduzida debaixo da bandeira da paz e da prosperidade. Considerando-se o ponto de vista islâmico, que acredita que Paz, *al-Salam*, é um dos nomes de Deus, e que toda paz é reflexo deste Divino Nome, é lógico concluir que a humanidade não pode viver em paz. E isto porque esqueceu completamente Deus e o motivo pelo qual o homem foi criado.



Para um muçulmano, a idéia de viver em paz esquecendo Deus é completamente absurda. Somente Deus pode colocar harmonia na alma caótica do homem moderno. Sem paz interior não haverá paz social. O caminho que o Islã propõe para conduzir o homem à “Casa da Paz” é a realização de uma vida virtuosa e harmônica, com a ajuda do Céu. Uma vida na qual Deus esteja sempre presente e com Ele se realize o Seu nome, Paz. Para o Islã, e para todas as Tradições autênticas, a finalidade da religião é salvar a alma e, como conseqüência, estabelecer justiça e paz na sociedade. Portanto, a Paz é uma conseqüência. E não faz sentido procurá-la como causa do bem-estar que ela pode proporcionar. Viver e morrer em Paz, no seu mais profundo sentido, significa viver o estado abençoado que leva à experiência da paz celestial. No Budismo, a prática espiritual que permite ao homem fugir do samsara e entrar no nirvana, salvando-se da roda de reencarnações, dores e morte, representa uma outra perspectiva da mesma realidade. O Islã, que em toda a sua história sempre afirmou não poder existir paz social sem paz interior, é hoje chamado também a afirmar que esta paz não poderá chegar antes que exista verdadeira paz entre os herdeiros das revelações que, através dos tempos, a Divina Misericórdia enviou para a terra. O Corão afirma: “É Ele quem faz que a Divina Paz, al-sakinah, desça no coração do crentes” (Corão 48:4). Seja que se fale de sakinah ou do equivalente hebraico shekinah, ou do latim pax ou do hindu shanti, a realidade enfatizada pelo Islã é que a paz é Deus e que, sem Ele, não haverá paz sobre a terra

Compaixão, caminho para a Paz

“Minha misericórdia e compaixão abraçam todas as coisas” (Corão 7:156). Para aqueles que acreditam e fazem boas obras, o Misericordiosíssimo atribui o amor (Corão 19:96). Segundo uma Hadith famosa, sobre o trono de Deus está escrito: “Em verdade, a minha Misericórdia e minha Compaixão precedem minha ira”. Pois que o mundo é criação de Deus, necessariamente reflete as qualidades expressas pelos seus 99 nomes. Sem negar os Nomes que se referem à Majestade e à Justiça, deve-se observar que em todas as fontes da revelação islâmica, os Nomes de Misericórdia são tratados com primazia. A Misericórdia, a Compaixão, o Perdão e o Amor de Deus, recorrem no Corão com maior freqüência do que qualquer outro atributo. Crêem, portanto, os muçulmanos, que estes atributos constituem essencialmente a raiz da existência dos seres humanos e das outras criaturas.



É, pois, absolutamente falso o lugar comum, na cultura ocidental, que atribui ao Deus do Islã quase que exclusivamente qualidades de Justiça e de Rigor. De fato, é de especial significação para a compreensão da perspectiva islâmica em termos de criação e revelação o conceito e o vivenciar da misericórdia e da compaixão. Segundo o texto corânico, citado no início, a Misericórdia e a Compaixão (rahmah) de Deus abraçam todas as coisas e, de fato, o mundo não existiria se não existisse rahmah.

O termo rahmah, que significa tanto “misericórdia” como “compaixão”, se relaciona com os dois Nomes Divinos al-Rahman, o Infinitamente Bom, e al-Rahim, o Completamente Misericordioso, nomes estes com os quais começam todos os capítulos do Corão, com exceção de um. São estes, também, os nomes usados para consagrar diariamente os atos humanos. Pois que estes nomes se entrelaçam em cada aspecto da vida do muçulmano, a vida mergulha na Divina Bondade, Misericórdia e Compaixão, que são inextricavelmente associadas com a palavra árabe al-Rahman. Além disso, esta palavra tem relação com o termo árabe utilizado para definir o útero. De qualquer forma, cabe dizer que o mundo procede do “útero” da Divina Misericórdia e Compaixão. Esta verdade recebe uma ênfase especial no universo Sufi, para o qual a substância da existência cósmica é o “Sopro da Compaixão”. Deus “sopra” sobre as realidades arquetípicas que constituirão a criação, e a consequência desta ação será o reino da existência separativa chamado “mundo”. O que mais importa é que este sopro, “Nafas”, está associado com a bondade e a Compaixão de Deus. A Compaixão encontra-se, por isso, na raiz verdadeira de nossa existência, o portal através do qual tanto a revelação como a criação foram levadas à frente, sendo, portanto, a realidade central em todos os aspectos da vida humana.

Todos os aspectos da vida **Tradicional** dos muçulmanos ao longo dos tempos foram entrelaçados com a rahmah de forma inseparável, considerando-se que a compaixão foi tecida nas fibras da existência humana. Um poema do Rumi afirma: “Mustafá (o escolhido, isto é, Maomé), veio para trazer intimidade e compaixão (hamdami)”. O termo hamdami significa literalmente, em persa, “ter a mesma respiração”, indicando de forma análoga aquilo que os antigos Gregos chamavam *sympatheia*, cuja tradução etimológica é a palavra latina “compaixão”. Espiritualmente, a mensagem do Profeta na revelação corânica veio trazer o florescimento da compaixão relativa a todas as coisas, pelo simples fato de que elas existem.



Se alguém perguntar como a compaixão e a misericórdia funcionam concretamente na vida islâmica, a resposta começa com a distinção entre a relação de Deus com o indivíduo, do indivíduo com Deus, do ser humano com o seu próximo e do ser humano com o resto da criação. Estamos aqui nos aproximando dos elementos constitutivos da paz. A relação de Deus com o indivíduo e com toda a sua criação sempre envolve compaixão e misericórdia. Além do nome al-Rahman, O infinitamente Bom, e al-Rahim, O completamente Misericordioso, Deus também chama a si mesmo de al-Karim, O completamente Generoso; al-Ghafur, Aquele que tudo perdoa, e al-Latif, O completamente Gentil. Diz uma tradicional oração: “Senhor, tem misericórdia e compaixão! Pois, se não tens misericórdia, quem poderá tê-la?” Diz o Corão: “Somente os desviados desesperam da misericórdia do seu Senhor” (Corão 15:56). E ainda: “Oh meus servos, que agiram como ímpios contra vocês mesmos! Não desesperem nem um pouco da misericórdia de Deus! Deus perdoa todos os pecados. Ele é o absolvidor e o Misericordioso. Perdoa-nos, Senhor e faz-nos misericórdia, pois que tu és o melhor dos misericordiosos!” (Corão 23:109).

Podemos afirmar que o rosto de Deus, dirigido para a Sua criação, é inseparável da sua misericórdia e compaixão. Por isso, o rosto do homem dirigido a Deus deve sempre fundamentar-se na invocação da Divina Misericórdia e Compaixão, “que abraça todas as coisas”.

Nas relações entre seres humanos, a Shari’ah (moral islâmica) requer atos de compaixão, caridade e misericórdia com os pobres, os doentes, os fracos, os órfãos, os necessitados. O modelo islâmico de conduta, representado pela conduta do Profeta, exorta ao exercício destas mesmas virtudes com qualquer criatura. O muçulmano deve ser rigoroso consigo mesmo, mas generoso e cheio de compaixão com os outros. Esta prática começa dentro da própria família e deve estender-se a todos os homens, animais e coisas. Estes comportamentos de cortesia, compaixão, generosidade, autodisciplina e nobreza são inseparáveis, na natureza humana sadia como Deus a criou.

O Corão e os Hadith enfatizam a importância de se ter compaixão com os vizinhos, sejam de residência sejam da nação, desenvolvendo uma atitude pró-ativa na descoberta de suas necessidades. Isto se aplica de forma ainda mais intensa nas relações com fiéis de outras religiões. Sem esta motivação religiosa para os atos de compaixão e caridade, a própria estrutura social entra em colapso, onde os governos não são suficientemente ricos ou fortes para prover o mínimo para todos os cidadãos. Por isso, nas sociedades islâmicas, muitas vezes o bem-estar



dos pobres é deixado ao encargo da obrigação religiosa dos indivíduos. A mão do pobre pedindo ajuda é no sentido mais profundo a mão da Divina Misericórdia estendida para nós, pois que, exercendo a compaixão e a misericórdia com uma das criaturas de Deus, nos tornamos aptos a receber a própria Misericórdia Divina.

Quanto à relação humana com o mundo não-humano, o Islã enfatiza que compaixão, misericórdia e cortesia, devem ser estendidas aos animais e às plantas. De fato, nas cidades islâmicas medievais, existiram hospitais para animais e fundações para amparar cavalos e asnos doentes ou inválidos. As tradições estão repletas de relatos do trato gentil usado pelo Profeta com os animais e com as plantas, proibindo até o corte de uma árvore a não ser em caso de grande necessidade. Não é necessário fazer observar que não são todos os muçulmanos que seguem os ensinamentos do Islã quanto à compaixão, misericórdia, generosidade e cortesia, mais do que o façam os judeus, os cristãos ou os budistas, cuja religião também é completamente baseada na compaixão. Os pecados humanos não são monopólio de nenhuma comunidade religiosa. O que é aqui essencial é trazer à tona que a compaixão e a misericórdia são constituintes básicas do universo islâmico, refutando a concepção propagada no Ocidente de que o Islã é uma religião sem compaixão.

Se um observador imparcial fosse visitar os 10 maiores lugares sagrados do mundo islâmico, e registrasse quantas vezes numa hora são pronunciadas palavras de compaixão e misericórdia nas súplicas dos fiéis, tornar-se-ia evidente quão central é o lugar ocupado por estas virtudes nas relações dos homens com Deus, entre eles, e dos homens com a criação. O objetivo final da revelação corânica é criar uma sociedade que viva a compaixão sem competitividade desregrada nem egoísmo. O verdadeiro muçulmano é consciente de que, para obter felicidade interior, e misericórdia e compaixão por parte de Deus, ele deve exercer amplamente estas virtudes com o próximo. Doando-se na base da compaixão para o outro, naturalmente o muçulmano doa-se para Deus, sendo por Ele libertado da prisão do seu ego limitado. Por quanto dito na primeira parte deste artigo em relação à paz, torna-se evidente que, sem o exercício contínuo e vigilante da compaixão, é impossível para o muçulmano vivenciar a paz.



Amor, caminho para a paz

Um dos nomes de Deus é al-Wadud, Amor, e o Corão está cheio de referências ao amor ou hubb . “Deus fará vir um povo que Ele ama e que O ama” (Corão 5:54). “O meu Senhor é verdadeiramente Misericordioso e Amante” (Corão 11:90). “Ele é quem tudo perdoa e tudo ama” (Corão 85:14).

A obediência aos mandamentos de Deus, por parte do Profeta, é relacionada com o amor a Deus. “Se vocês amam a Deus, me sigam” (Corão 3:31). Um dos nomes do Profeta é de fato habib Allah , normalmente traduzido por “Amigo de Deus”, mas também significando “Amado por Deus”. Na cristandade, diz-se que “Deus é amor” (1Jo 4,8) e, frequentemente, nesta perspectiva, o Islã é criticado por uma concepção de Deus onde faltaria o amor. A propósito, é interessante considerar uma observação conduzida, na Idade Média, por alguém “de fora”, o famoso sábio judeu e poeta Abraham ibn Ezra:

*“O muçulmano canta de amor e paixão,
o cristão, de guerra e vingança,
o grego, de sabedoria e máquinas,
o indiano, de parábolas e questões,
e o judeu, canta e louva o Senhor dos exércitos”*

Nem o judaísmo nem o hinduísmo identificam Deus pura e simplesmente com o amor. Isto não significa que estas religiões, assim como o Islã, sejam carentes da noção de Amor Divino que floresceu nessas Tradições na forma do Hassidismo e da Bhakti respectivamente. Para o Islã, Deus é Amor mas também, com a mesma intensidade, Conhecimento e Luz, Justiça e Majestade, assim como Paz e Beleza. Mas Ele nunca é sem Amor, seu Amor é essencial na criação do universo e na nossa relação com Ele.

É importante sublinhar que a perspectiva islâmica do Amor de Deus para o mundo não se identifica com o sofrimento, num certo contraste com o tema do sofrimento do Servo messiânico do Judaísmo, e o da Encarnação de Deus no Cristianismo. Deus amou ser conhecido e por isso criou o mundo; por isso, o amor corre nas veias do universo assim como a compaixão, que é inseparável da existência. Não há existência onde não há amor. A atração física própria da gravitação universal parece ser imagem metafísica do princípio de amor operante em todos os níveis. Para o ser humano, o amor a Deus passa pelo amor ao Profeta; e o amor



ao Profeta precisa do amor a Deus. Existem muitos níveis de amor natural: o amor romântico, o amor para os filhos, para os pais, para a beleza, para a natureza, para o poder, para a riqueza, para a fama. Todos esses amores constituem um perigo para a alma. Todos esses amores não são geradores Paz. Todo amor terreno somente pode ser em Deus, para o amor de Deus, pois se não for nesta chave conduzirá para a ruína da alma. Somente o amor a Deus é real, os outros amores são ilusão. Esses “outros amores”, porém, poderão, se entendidos corretamente, constituir um caminho para o verdadeiro e único amor. Jalal al-Din Rumi disse que, quando a caneta tenta descrever o amor verdadeiro, quebra-se no meio.

Esta extensa e intensa manifestação sobre o amor totalizante a Deus está presente em toda a literatura islâmica, nos universos árabes, persas, turcos e swahili, indianos e do Sudoeste Asiático. Historicamente, suas influências estenderam-se aos universos judeus, cristãos e Hindu. Veja-se Raimundo Lulle (1235-1315), teólogo franciscano catalão que, ao mesmo tempo que escreve contra o Islã, compõe um tratado intitulado “O amante e o Amado”, utilizando uma linguagem estritamente Sufi. Outro exemplo é a utilização do imaginário Sufi por parte de Santa Teresa D’Avila e São João da Cruz, no século XVI. Alguém poderia observar que as sociedades islâmicas não se apresentam visivelmente nesta forma. Cabe esclarecer que o presente texto tem como referencial a sociedade islâmica tradicional, e não as formas modernistas ou fundamentalistas que deturpam a revelação feita a Muhammed (Maomé) Poesias que celebram o amor e o desejo da alma por Deus são memorizadas por homens e mulheres do povo, que as recitam com profundo sentir e identificação de vida. É certo que entre os homens que vivenciarem este amor totalizante a Deus, a Paz se fará presente de forma total e definitiva.

Beleza, caminho para a Paz

Como a Compaixão e o Amor, a Beleza também é um dos atributos de Deus para o Islã. O nome al-Jamil que Deus atribuiu-se, significa bonito. Um hadith famoso afirma que Deus ama a Beleza, significando desta forma que amor e beleza se encontram no plano Divino. Esta realidade, mais uma vez, como temos visto, reflete-se no plano humano, fazendo que o homem ame o que ele sente como belo e ache belo o que ama. Como a compaixão, a beleza tem o poder de irradiar. A beleza reúne harmoniosamente os elementos inquietos da nossa alma; a beleza pacifica a alma. É apropriado, então, na nossa busca pela Paz, refletir um pouco sobre a beleza.



No universo islâmico, como em outros mundos tradicionais, a beleza não é simplesmente um estado subjetivo que reside no olho de quem a aprecia. Isto é verdade, mesmo que cada ser humano tenha a capacidade de reconhecer formas diferentes de beleza. A Beleza é uma dimensão da realidade e, através dos séculos, teólogos e filósofos islâmicos confirmaram o dito platônico de que “A beleza é o esplendor da verdade”. A palavra árabe haqiqah significa tanto verdade como realidade, da mesma forma que o Nome Divino al-Haqq indica a união das duas coisas em Deus, indicando a união, Nele, da Verdade absoluta e da Realidade absoluta. Metafisicamente falando, toda beleza é a irradiação de um particular nível de Realidade da Beleza da face de Deus.

É típica da tradição islâmica a inseparabilidade da bondade e da beleza. O mundo de hoje separa beleza de bondade, e mesmo no nível de certas personalidades religiosas, a busca da bondade dispensa a beleza como se dispensa um luxo. Certos pensadores religiosos modernos, cristãos e muçulmanos, têm desenvolvido até um certo “culto da feiúra”, levando, nos últimos tempos, até a uma deturpação da belíssima tradição arquitetônica das duas tradições. Na língua árabe, a palavra husn significa tanto beleza como bondade, assim como qubh significa feiúra e mal. A complementaridade da beleza com a bondade é bem representada no dito árabe que afirma ser a beleza uma qualidade exterior das mulheres e interior dos homens, enquanto a bondade é uma qualidade interior das mulheres e exterior dos homens. De fato, o que cabe neste momento salientar é a inseparabilidade dos dois atributos. Para o Islã, a função da religião não é somente ensinar a prática da bondade, mas disseminar a beleza em todos os níveis: espirituais, intelectuais e físicos.

Diz-se no budismo que a imagem de Buda salva as almas pela sua beleza. Afirma o muçulmano que, da mesma forma, a beleza da recitação Corânica pode salvar. Nas sociedades islâmicas tradicionais, nunca se escuta a Palavra de Deus a não ser numa recitação cantada refinadamente harmoniosa, capaz de emocionar a alma mesmo daquele que não compreende o árabe. Este princípio aplica-se também à caligrafia, com a qual foi sempre reproduzido o Corão.

Nos olhos e nos ouvidos dos muçulmanos, a teofania central da religião, representada pelo Corão, sempre foi associada com a beleza. Mas esta relação entre o belo e o sagrado não é exclusiva do Islã. Antes dos tempos modernos, a arte sagrada de todas as civilizações era associada diretamente com os ritos e as práticas da religião como nas catedrais góticas, nos rolos da Torah, nos templos budistas e hinduístas, nas várias



manifestações iconográficas, para não falar das artes musicais e poéticas. Se o homem que contempla a beleza mantiver clara a consciência da origem divina da mesma, pode fazer dela um formidável instrumento de paz, tanto em nível individual como no social. Para que isto se torne possível, é indispensável mais uma vez que o homem plante suas raízes em Deus e não neste mundo. Assim, para o homem a caminho da sabedoria, todas as belezas são reflexos atuais da beleza fulgurante da Face de Deus.

O homem atual acha certo olhar para a feiúra e o mal como se fossem as manifestações mais autênticas da realidade, colocando o belo e o bem de lado, como secundários e irreais. A mídia gosta de destruir tudo o que existe de belo e de bom num homem, em força de um único aspecto negativo. A máquina e o ambiente urbano separaram o homem da beleza da natureza, induzindo-o a pensar que o feio é a norma, e o belo é um luxo para os ricos. A beleza, longe de ser um luxo, é tão necessária para a alma quanto o ar é necessário para o corpo que o respira.

O agnosticismo, o ateísmo, parecem florescer em ambientes urbanos privados da arte sagrada e tradicional, assim como da beleza da natureza. Nunca existiu uma verdadeira expressão islâmica sem beleza. Pode-se até afirmar que o critério de beleza pode ser usado junto com o de verdade, para julgar a autenticidade da pretensão de cada movimento que procura hoje o uso do nome ou a identificação com o Islã. O versículo corânico que diz: “Deus está com aqueles que fazem o bem” (Corão 29:69) poderia ser interpretado como: “Deus está com aqueles que vivem a beleza”. A busca da beleza como manifestação da Face de Deus constitui o maior freio contra a agressividade que ameaça a paz.

Conclusões

A falta de paz é proporcional ao esquecimento de Deus no qual o homem de hoje vive. Qualquer esforço humano que não considere Deus o significado último e primeiro da existência, está votado ao fracasso. Querer obedecer aos demais mandamentos, esquecendo do primeiro e mais importante, é típico da cegueira e confusão mental nas quais se debatem o homem moderno e seus falsos profetas.

Ramadã 1425



Referência

O pensamento do Dr. Seyyed Hossein Nasr, Professor de Estudos Islâmicos junto à George Washington University, em Washington DC, foi o principal inspirador do presente artigo.

Bibliografia

Le Saint Coran, trad. Muhammad Hamidullah, Club Français du Livre, 1985, Paris.

Sahih Al-Bukhari, trad. Muhammad Muhsin Khan, Islamic University, Medina Al- Munawwara, 1981.

Al-Gazali, *Livre de l'Amour, du Désir Ardent, de l'Intimité et du Parfait Contentement*, trad. M.-L.Siauve, Librairie Philosophique J. Vrin, Paris, 1986.

Si Boubakeur Hamza, *Traité Moderne de Théologie Islamique*, Maisonneuve & Larose, Paris, 1985.

Nasr Seyyed Hossein, *The Heart of Islam*, Harper, SanFrancisco, 2002.

Endereço do Autor:

Rua Baldicero Filomeno, 3955
Ribeirão da Ilha
88064-000 Florianópolis, SC